



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**QUE HISTÓRIA É ESSA PROFESSORA: UMA REFLEXÃO SOBRE A HISTÓRIA
DO TEMPO PRESENTE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO**

Elimar Machado de Souza¹

Resumo: Repensando sobre a minha prática docente na educação básica, esse artigo tem como intuito mostrar os caminhos percorridos pela pesquisa que reflete sobre o uso da história do tempo presente nas aulas para o ensino médio, pensando no ensino de história como algo voltado para as questões do presente. Fazendo uma análise das provas de Ciências Humanas do ENEM dos últimos 10 anos e propondo aulas em que esses temas são debatidos, pude verificar que o tempo presente não tem recebido o destaque que precisa para trazer uma reflexão mais assertiva para nossos alunos. A partir da análise de tais provas, onde o tempo presente apareça em destaque, criou-se uma sequência didática onde se propõe a construção de uma revista feita pelos alunos, onde os temas escolhidos ganham desdobramentos através de propostas de artigos e colunas, levando assim a uma reflexão que caminha com a prática pedagógica. Com o auxílio de Luis Fernando Cerri, François Hartog e Jörn Rüssen, os resultados preliminares da pesquisa têm mostrado a importância de se perceber o aluno como alguém dotado de uma bagagem histórica, e que essa bagagem vai fazer a diferença para que ele se perceba como um indivíduo dotado de consciência histórica.

Palavras-chave: História do tempo presente, ensino de história, temas sensíveis, ENEM, Ensino Médio.

1. HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: COMO NOSSOS ALUNOS ENTENDEM COMO NOSSOS ALUNOS ENTENDEM O PASSADO RECENTE?

(...) o tempo presente tem sempre algo a dizer a historiadores, pesquisadores das humanidades, professores de história ou a qualquer estudioso que inclua a história como tema de reflexão. Isto porque, ao enunciar um discurso histórico (...) aquele que enuncia se dirige, inevitavelmente, a interlocutores de sua própria época (PINHA, 2017, p. 101).

A epígrafe acima chama a atenção para a importância de se perceber como a História do Tempo Presente precisa ter uma atenção especial por parte do professor da educação básica. Por estarmos tão próximos desse tempo, podemos ser confrontados a todo momento

¹ Mestranda em ensino de história pelo Prohstória. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. elimaruff@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



por testemunhos trazidos por nossos alunos, que acabam por adquirir um discurso originado de uma memória que não pertence diretamente a eles, mas que possui um peso que seria maior do que aquele apreendido em sala de aula. Por termos essa proximidade com os acontecimentos estudados pela HTP, devemos ter em mente que esse é um campo de confronto. Confronto exatamente por termos uma memória ainda viva, onde os testemunhos podem se apresentar como única verdade, pois *“podem vigiar e contestar o pesquisador, afirmando sua vantagem de ter estado presente no momento do desenrolar dos fatos”* (DELGADO e FERREIRA, 2013, p. 22).

Segundo Francisco Carlos Teixeira da Silva, a história do tempo presente acaba por ocupar espaços que são instituídos *“pelas representações que os grupos, as redes, as comunidades fazem sobre si mesmos”*, e que tais representações só poderiam ser analisadas no todo quando entrassem em atrito com outras representações.

É preciso perceber uma dinâmica permanente, uma atrição permanente entre representações de diversos grupos, redes e meios na sociedade, fazendo com que a História do tempo presente seja sempre uma história perpassada pela tensão, pelo movimento. Não há uma história em repouso, mas uma história que está sempre interessada no processo de construção das representações e como elas entram em choque.²

Por ser um período próximo a nós e aos nossos alunos, ganhos e perdas obtidos durante as aulas mostraram a necessidade de compreender mais sobre ele, visto que durante muito tempo, para se considerar um período cabível de ser analisado e estudado pelos historiadores, o afastamento seria um dos principais critérios de escolha, o que faria com que temas do tempo presente fossem colocados de lado.

(...). Ancorada em princípios que sustentavam a necessidade do distanciamento temporal do pesquisador frente ao seu objeto, os historiadores deveriam trabalhar com processos históricos cujo desfecho já se conhecia.

A chamada história do tempo presente contraria exatamente esses pressupostos. Mas a despeito das resistências, que não são poucas, a escolha do tempo presente como campo de estudo e pesquisa de historiadores vem ganhando legitimidade crescente e sugere reflexões epistemológicas e metodológicas urgentes (FERREIRA, 2018, p. 22).

² O trecho citado foi retirado de uma fala do historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva ao divulgar a 2ª Jornada de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde, que ocorreu em 2013, na Fiocruz. O historiador propôs uma comparação entre o Rio de Janeiro de 2013 e Berlim de 1938, pedindo cuidado com o microfascismo que a sociedade brasileira estava vendo surgir naquele momento.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Essa proximidade, por despertar um grande interesse da indústria audiovisual no mundo todo, faz com que alunos da Educação Básica tendessem a dar mais importância a esses acontecimentos do que outros na História, algo que pode e deve ser aproveitado por nós. Mas como lidar com as dúvidas e certezas trazidas por essa história tão próxima, que possui uma memória coletiva tão viva? Como fazer com que nossos alunos, adolescentes em sua grande maioria, compreendam que o testemunho é apenas um caminho pelo qual se pode entender / aprender História?

Marieta de Moraes Ferreira diz que a História do Tempo Presente se apresenta “*como um tema desafiador para os historiadores do ponto de vista ético e político*” (FERREIRA, 2002. P. 101). Isso porque, ao se envolver com a análise de determinados documentos, entrevistas, narrativas e tantas outras fontes que possam surgir em meio aos seus estudos, ele precisa saber, de forma muito bem acertada, que ele não é o juiz da história. Existe um envolvimento que faz parte do trabalho do historiador, porém, ele não deve ultrapassar a linha tênue que separa as habilidades adquiridas com a sua formação, daquela que o levaria a ser um juiz do passado. Mas isso não deve nos desencorajar, pois a História do Tempo Presente é “*uma História em construção, uma História ainda por se fazer. Que busca entender com profundidade o tempo presente, suas rupturas, seus paradigmas*” (PALASSI, 2017, p. 87).

Carlos Fico chama a atenção para os problemas teóricos que a História do tempo presente nos apresenta, e que exigem uma atenção especial de nossa parte, já que são eles que vão enriquecer o debate e nos mostrar quais podem ser os “*possíveis entraves*” que encontraremos durante o caminho:

(...) “A interpretação do historiador confrontada pelo testemunho dos coetâneos; a diferença entre perspectiva histórica e recuo temporal; a tensão entre a pragmática metodológica da história e a memória de “eventos traumáticos” – são todos complexos problemas teóricos que têm animado o debate sobre a história do tempo presente, em sua versão do século XX, embora, evidentemente, não digam respeito exclusivamente a ela (FICO, 2012, p. 69).

Seria a proximidade da HTP uma desvantagem para o professor? Pode o depoimento de terceiros, trazido por nossos alunos, anular o que fazemos em sala de aula? Por ser uma forma de “*historiar o contemporâneo*” (AMÉZOLA, 2007, p. 142), a HTP se coloca como uma importante ferramenta para o professor da Educação Básica, pois colocaria o aluno em



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



situação de vantagem, onde ele passaria a ter contato direto com aqueles que viveram e vivem a História, assim como ele. Esse contato, ao ser possível, pode ser um importante auxiliador para a compreensão daquilo que o professor precisa, que é um aluno que pensa com criticidade, e usa de diversas fontes para compreender aquilo que estuda.

Além de entender mais sobre HTP, faz-se necessário também compreender a ligação que esta tem com a memória coletiva³, pois ao pensarmos no testemunho, precisamos pensar na memória que foi evocada para esse contexto. O que seria mais verdadeiro do que a experiência vivida daqueles que nos são próximos? Eles viveram o fato, estiveram lá. Para eles, nada teria mais peso do que a palavra, do que a experiência vivida. Então, como fazer uso desse depoimento, evocado por uma memória daqueles que “estiveram lá”, sem invalidar o discurso do professor? Sem fazer com que o aluno desacredite daquilo que aprende na escola?

Ao defender uma educação que liberta, tento fazer uma análise sobre a aula de história como o início de um processo que vai além do currículo, onde os alunos possam criar uma atmosfera onde seja possível causar uma mudança significativa em suas vidas, onde eles possam pensar sobre o lugar que ocupam na sociedade. E é nesse contexto que acreditamos que a HTP possa fazer a diferença, já que acaba por criar um movimento que levaria à construção de novas representações sobre o presente. Inúmeras são as ocasiões onde os alunos são confrontados com esse “*movimento*”, seja na sala de aula, nas redes sociais, numa roda de amigos, e até mesmo em uma prova do ENEM. O que se espera é que esse movimento mencionado seja o estopim que leve às estranhezas e dúvidas, pois são essas características que o professor deve saber gerar e identificar.

Por acreditar que a sala de aula deva ser um espaço democrático e de pensamento livre, a aula de História seria um espaço adequado para discussões sobre diversas temáticas, como racismo, feminismo, homofobia..., e cabe ao professor indagar sobre como a História lida com esses temas tão “atuais” para a juventude de agora⁴.

³ Na dissertação tenho desenvolvido a relação existente entre a História do Tempo Presente e a memória coletiva, seguindo a relação explicitada por Gonzalo de Amézola, no livro “*História do tempo presente*”, de Gilson Porto JR.

⁴ Apesar dessas questões terem surgindo a partir de 2014, que foi o ano em que comecei a lecionar para o Ensino Médio, elas se tornaram mais intensas e presentes em 2018, ano da eleição presidencial no Brasil, que acabou por fazer com que vários alunos passassem a se interessar por política e por temas “populares” nas redes sociais.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Como professora de alunos do ensino médio, tenho percebido o crescimento do interesse dos mesmos pelos chamados “temas sensíveis”, e tenho buscado, na medida do possível, fazer com que as aulas tenham mais uma “pegada do presente”, tentando elaborar juntamente com eles, uma narrativa que seja de maior conscientização. Em tempos onde a falta de diálogo tem ditado as relações, principalmente no Brasil, é preciso atuar de maneira diferenciada

O desafio é elaborar e viver uma educação pluricultural. Uma educação que prepare para o diálogo com os ‘outros’, aqueles que historicamente foram considerados minorias e ditos sem história, inferiores, sem cultura e tantos outros adjetivos, que os desqualificam (PAIM, 2018, p. 57).

As dificuldades em lidar com questões do nosso tempo nas aulas de história, equilibrar passado e presente e fazer ambos terem sentido para os alunos de Ensino Médio, lidar com uma série de informações que chegam de todos os lados, sem ter certeza de que estas são verdadeiras ou não, a pressão em torno de uma possível aprovação para o ENEM... todos esses desafios estão no horizonte dos alunos ao final do Ensino Médio, assim como estão também no caminho do professor de História, e têm se mostrado cada vez mais desafiadores. Somos levados a buscar saídas para que a aprendizagem ocorra, quando na verdade, o caminho ainda se tem mostrado nebuloso.

2. POR QUE HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE? POR QUE AGORA?

Os últimos anos em nosso país têm mostrado a urgência em se discutir com mais profundidade e compromisso, temas da História do Tempo Presente em sala de aula. A dificuldade de se chegar ao presente, uma situação que acompanhei como aluna e também como professora, é algo que precisa ser revisto e repensando por nós. O uso banalizado de expressões como “fascismo” e “nazismo”, pedidos da volta da Ditadura militar por jovens que nem ao menos estudaram isso na escola, pessoas cultuando a violência como resposta imediata de problemas complexos, o uso pejorativo de termos como comunista, feminista, esquerdista... Os motivos são inúmeros para pensarmos com mais seriedade sobre a aplicabilidade da HTP junto a adolescentes que estão na educação básica e que têm sido bombardeados por diversas mídias, sem saber como questionar as informações que recebem



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



por todos os lados. A acusação atual de que uma parcela da população brasileira não teve aulas de história o suficiente (afirmação essa que, em algum momento, eu também fiz), esconde uma complexidade muito maior do problema mostra. A escolha narrativa feita pelo professor para lidar com temas como a ditadura militar brasileira, que na maioria dos casos, mostrou os tempos sombrios que o Brasil fora obrigado a vivenciar, não buscou saber sobre a realidade de seu alunado e o de sua comunidade, algo visto hoje como imprescindível, para fazer com que a aula tenha um real sentido para a vida daqueles que estudam.

Em um artigo escrito em 1992 para a *Revista Brasileira de História*, Elza Nadai fala de uma crise vivenciada pelo Ensino de História. A conjuntura que levou a tal crise, segundo Nadai, nasceu de uma série de “*demandas sociais e a incapacidade da instituição escolar em atendê-las ou em responder afirmativamente, de maneira coerente, a elas*” (NADAI, 1993). Inúmeros outros trabalhos foram escritos depois de Nadai, no entanto, mesmo após vinte e sete anos, a conjuntura apresentada por ela ainda se mostra atual, pois a escola que conhecemos mudou pouco durante esse tempo. Ao menos no que diz respeito à abordagem do nosso próprio tempo.

Por estarmos vivenciando um período onde existe um abalo das certezas, e onde a memória entra em conflito com a história, podemos enxergar uma abertura para novas possibilidades em sala de aula, pois cresce com rapidez, a proliferação do anti intelectualismo, assim como o negacionismo de fatos relacionados a nossa história, como o golpe de 1964. Essas demandas, mencionadas por Nadai, ainda se apresentam em nosso horizonte de atuação, nos mostrando que ainda precisamos lidar com elas.

3. QUE HISTÓRIA ENSINAR? QUE HISTÓRIA APRENDER?

A aula de História é vista como uma longa abordagem sobre o passado. Alunos chegam já com essa ideia pré-concebida, que os leva a crer que o passado, e somente ele, é o que será abordado naquele espaço. O papel do professor, nesse contexto, é mostrar que aquele passado já foi o presente de um grupo, e que aquele presente teve um impacto na vida daqueles que o vivenciaram, e que seu eco pode ser sentido em nosso presente, se ele souber identificar a ponte que une tais “presentes”. Os conteúdos presentes no currículo servem para legitimar uma proposta política, onde se



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



define previamente aquilo que se considera importante, e que os alunos devem guardar na memória.

Nosso embasamento teórico-conceitual baseia-se inicialmente no trabalho do historiador Luis Fernando Cerri, que nos apresenta o conceito de consciência histórica. O autor define consciência histórica como “*uma estrutura do pensamento humano, o qual coloca em movimento a definição da identidade coletiva e pessoal, a memória e a imperiosidade de agir no mundo em que está inserido*” (CERRI, 2011, p. 13).

Entendemos consciência histórica como a capacidade humana de dar sentido ao tempo, de representar o tempo. Como não temos a opção de pará-lo, somos confrontados a todo momento com forças que tentam de alguma forma “manipular” esse tempo, seja tentando fazer com que ele passe mais devagar, que ele pare, ou até mesmo que ele retroceda. Sabemos que o tempo é algo impossível de ser contido, então, o que resta é tentar fazer algo com relação às mudanças trazidas por esse tempo. Isso nos fica evidente se analisarmos a onda conservadora que tem devastado o país, que tem tentado frear as mudanças ocorridas nos últimos anos. Não só frear, mas também fazer com que várias delas deem passos para trás.

Pensar em consciência histórica é pensar na necessidade que temos de atribuir sentido ao tempo, de representar o tempo. Sendo a História do tempo presente “*o estudo dos antecedentes imediatos do presente*” (AMÉZOLA, 2007, p. 143), isso obrigaria o professor / historiador a ter um cuidado diferenciado na hora de sua aula, por ele e seus alunos estarem tão próximos aos acontecimentos que serão possivelmente explanados para eles.

Pensando ainda em consciência histórica, os estudos de Jörn Rüsen foram grandes auxiliares na reflexão sobre o que percebemos que é trazido para sala de aula pelos nossos alunos. Sendo a consciência histórica “um fenômeno do mundo vital”, que seria eternamente ligada à vida prática de nossos alunos, percebe-se que, segundo Rüsen, todas as pessoas possuem consciência histórica, visto que, todas são capazes de se orientar no tempo, tendo como base a realidade que nos cerca, uma experiência e sua intencionalidade. Ou seja, presente, passado e futuro, respectivamente. Para Rüsen, a consciência histórica está relacionada com a capacidade que temos de articulação de tais temporalidades, e de como nos orientamos no tempo com a intenção de alcançar nossas demandas em um futuro projetado por nós (RÜSEN, 2001, p. 56).



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Pode o professor de História intervir na concepção da consciência histórica de seus alunos? Seria seu papel interferir? É possível executar tal função junto aos seus alunos? Acredito que seja papel do professor de História buscar promover diferentes possibilidades de orientação para a vida, dando ênfase naquilo que foi vivenciado pelo aluno, criando assim uma aula que faça sentido.

Ao evocar a HTP, faz-se necessário falar sobre o papel desempenhado pela memória, interligada com a consciência histórica, que segundo Jörn Rusen, não diz respeito fundamentalmente ao passado, mas a uma reflexão possível sobre o futuro. Segundo Sonia Regina Miranda, é importante que nós professores pensemos “tanto *na natureza da informação que nosso aluno vai se tornar capaz de mobilizar, quanto na condição de olhar sobre o passado, mas sobretudo, é fundamental avaliar o processo de construção de sua capacidade de se posicionar de modo pertinente e fundamentado em relação à problematização do presente do futuro*” (AMÉZOLA, 2007, p. 145).

Quando pensamos em História do Tempo Presente, pensamos em testemunhos vivos. Testemunhos esses que teriam um grande peso na hora de se “pensar História”, já que, ao trabalhar com História Contemporânea e HTP, podemos ser expostos a esses testemunhos em sala de aula, estejamos prontos ou não. Trabalhar com um passado recente se torna um desafio, na medida em que nossos alunos possuem uma ferramenta muito eficaz e veloz para averiguar a “veracidade” dos fatos, podendo confrontar com muita “certeza” o que ele acredita ser verdadeiro ou não: a internet. Essa ferramenta, ainda jovem e utilizada com certa parcimônia pelos historiadores e professores de história, exige de nós um cuidado diferenciado, exatamente por ainda termos muito que aprender com ela. Ao citar Cohen em seu trabalho, Maynard diz que “*se toda história humana fosse condensada em 24 horas, as mídias como nós as conhecemos hoje, teriam aparecido nos 2 minutos antes da meia-noite*” (MAYNARD, 2016, p. 78), porém, professores que atuam na educação básica hoje, lidam com uma geração que nasceu conectada, e que não conhece uma realidade diferente daquela onde a internet “reina”.

(...) nossos alunos, em sua maioria, são agora do tipo digital born (nativos digitais): devotados ao repetitivo exercício de responder, sempre rapidamente, a dezenas de mensagens de textos e e-mails durante as aulas, atualizar redes sociais, encontrar informações sobre eventos, mas também sobre a vida privada dos seus professores na Internet. Os estudantes, jovens



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



em sua maioria, dispensam muito tempo “cutucando”, curtindo, postando, comentando e principalmente compartilhando. Mesmo assim, o ciberespaço ainda é um país estrangeiro para parte significativa dos historiadores que, em lugar de nativos, são antes imigrantes digitais e, por mais que se esforcem para dominar a linguagem, sempre falarão com certo sotaque (MAYNARD, 2016, p. 79).

Por seu caráter democratizador, a internet propicia um caminho que interessa a historiadores e professores, exatamente por ser um instrumento de pesquisa e estudo que, quando bem utilizado, se torna mais que um auxiliador na construção de uma criticidade que almejamos para nossos jovens. A cultura do compartilhamento, responsável, em parte, pela propagação de *fake news* e meias verdades, pode ser combatida com ferramentas que a própria internet proporciona, porém, cabe entendermos que, a inclusão de novas mídias não substitui a aula de história, assim como também não supre o debate alçado pelo professor. Tais ferramentas mudaram de forma clara a produção e a disseminação de conhecimento como o concebemos hoje, mas elas não substituem o papel desempenhado pelo professor de História, que mesmo não sendo nativo na língua digital, tem adquirido uma fluência que o tem ajudado a construir as pontes necessárias para chegar até seus alunos, que ganham nesse contexto um papel ativo na elaboração e compreensão do conhecimento que se aprende e reaprende durante esse movimento que a rede de computadores proporciona.

4. APONTAMENTOS FINAIS

Por estarmos vivendo uma época onde ocorre uma proliferação do anti-intelectualismo, onde acontece um abalo das certezas, onde a memória entra em conflito com a história, a História do Tempo Presente se apresenta com uma abertura para novas possibilidades de abordagens para a sala de aula. Passado e presente estão unidos por um caminho de reflexão de duas vias, pois da mesma maneira que o passado não é imutável, em virtude das memórias que vão sendo resgatadas e reescritas pelo sujeito, o presente ganha uma interpretação móvel, que exige de professores e alunos um julgamento mais justo e equilibrado, pois ele também vai se transformando diante de nossos olhos, seja através das mídias sociais as quais temos acesso, ou das memórias (ou a falta delas) adquiridas em nosso cotidiano.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Estamos vivenciando um período onde a memória tem se tornado conflituosa, exatamente porque grupos conservadores estão deslegitimando documentos históricos, negando fatos do nosso passado recente, como golpe militar de 64. Como não soubermos lidar com esse trauma, esse passado não digerido tem se voltado contra nós, onde se nega o relato e as fontes, fazendo com que o professor se veja em busca de novos caminhos para pensar como trabalhar a memória e a história.

O ensino de história talvez seja um dos campos cuja trajetória tenha se mantido mais fiel ou estável ao longo do tempo. Não que isso seja algo positivo no primeiro instante. Dando ênfase a uma história branca, europeia, heteronormativa e cristã, as mudanças chegam de forma lenta. Mas observa-se certo esforço por parte daqueles que buscam apresentar uma aula mais diversa e múltipla. Sendo à disciplina História atribuído o papel de “formar cidadãos”, o caso brasileiro exige de nós uma atenção maior, exatamente por conta do momento que vivenciamos agora. Por estarmos presenciando uma perseguição maciça aos professores, com a criação do inimigo “professor doutrinador”, em uma conjuntura de produção de ódio e medo, sobretudo da educação pública, o professor de história acaba por se tornar o alvo favorito de fundamentalistas. Essa perseguição, apesar de assustadora, não é nova. Somos perseguidos exatamente por termos em mãos um material humano precioso, que pode e deve se engajar com as questões mais urgentes do mundo e do nosso país. É aí que reside a raiz do problema. Para eles. Para nós, é a única solução possível para o país e o mundo que todos merecemos. Continuemos na luta.

REFERÊNCIAS

CERRI, L. F. **Ensino de história e consciência história**. Implicações didáticas de uma discussão contemporânea. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Nevez; FERREIRA, Marieta de M. História do tempo presente e ensino de História. **Revista História Hoje**, v. 2, nº 4, p. 19-34, 2013.

FERREIRA, Marieta de M.; DELGADO, Lucília de Almeida. História do tempo presente e ensino de História. **Revista Hoje, Revista de História e ensino**, v. 7. n. 13. Jan./jun. 2018.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. **Varia hist.** [online]. 2012, vol. 28, n. 47.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vértice, 1990. 351p.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Sobre tempos digitais: Tempo Presente, História e Internet. In: **História do Tempo Presente: Oralidade, memória, mídia**. / Janice Gonçalves, organizadora – Itajaí, SC: Casa Aberta, 2016.

NADAI, Elza. O ensino de História no Brasil: trajetória e perspectiva. **Revista de História**, São Paulo, v. 13, n.25-26, set. 92/ago.93.

PALASSI FILHO, A. A História do Tempo Presente em sala de aula: desafios e possibilidades. **Revista Educação a Distância**, v. 5 n. 2, p. 81-103, 2015.

SANTOS, Márcia P. dos. História e memória: desafios de uma relação teórica. In: **OPSIS**, vol. 7, nº 9, jul-dez 2007.

SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SILVA, Daniel Pinha. O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 0, n. 20. Jan./abr. 2017.